

GARREAUD, Emilio, *El amor divino y el amor humano en la obra de C. S. Lewis*. Roma: Ed. Universidad Juan Pablo II. 2015. 284 p.

Esta obra é a publicação da tese de doutoramento sobre o pensamento de C. S. Lewis (1898-1963), apresentada e defendida pelo autor em 2014 no Instituto Pontifício João Paulo II, sediado na Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma.

Desde os primeiros escritos sobre literatura medieval, o pensador e ensaísta irlandês tem dado particular destaque à temática do amor na economia geral da sua reflexão. Daí se justificar esta tese, que aborda a tipologia dos “quatro amores” eleitos por C. S. Lewis: o afeto, a amizade e o eros, enquanto modalidades do amor humano; a caridade, expressão simultaneamente suprema e tangível do amor divino.

Segundo Lewis, e bem colocado em relevo por Garreaud, a história da salvação pode ser perspetivada segundo a ótica do amor. O drama do pecado como antiamor, o horizonte novo trazido pela Encarnação, como manifestação amorosa do Verbo.

Toda a vida de Jesus Cristo é entendida como uma “expressão dadivosa de reconciliação”, se quisermos, como “dádiva amorosa” que se prolonga no domínio escatológico, que o autor não se escusa de tratar, como prolongamento e esperança de comunhão plena de amor entre criatura e Criador.

Mas detenhamo-nos um pouco na “tipologia dos quatro amores” apresentada e revisitada criticamente por Garreaud, embora sempre muito perto do texto de Lewis.

O *afeto* é um *amor-necessidade* que tem de manifestar-se no *dar*, mas,

por outro lado, tem de ser necessitado. Escreve Lewis a este respeito:

“... quase toda a gente pode chegar a ser objeto de afeto: o feio, o estúpido, ou mesmo esses que exasperam os que os rodeiam. Não é necessário que haja algo manifestamente valioso entre aqueles a que o afeto une: vê-se como sentem afeto por um débil mental não só os seus pais, mas também os seus irmãos” (ver p. 62).

E acrescenta:

“... o afeto é o mais instintivo, e neste sentido o mais animal dos amores: os seus ciúmes são proporcionalmente ferozes [...]. O afeto sente-se ferido quando um membro da família sai do ethos do lar” (ver p. 65).

Segundo o autor irlandês, a *amizade* é quase o oposto, revelando-se uma forma de amor eminentemente espiritual: “Este amor, livre de instinto, livre de tudo o que é dever, salvo aquilo que o amor assume livremente, quase totalmente livre dos ciúmes, e livre sem reservas da necessidade de sentir-se necessário num amor eminentemente espiritual” (ver p. 87). Acrescenta mesmo: “A amizade, se se quiser, chega mesmo a ser angélica; mas o homem necessita de estar protegido pela humildade, se quer comer sem riscos o Pão dos anjos” (ver p. 88).

Finalmente, *eros* é interpretado de modo muito pouco freudiano, diria mesmo, com alguns matizes de romantismo e espiritualismo.

Escreve C. S. Lewis: "Entendo por eros esse estado a que chamamos 'estar enamorado'; ou se se prefere, a classe de amor 'na qual', 'os enamorados estão'" (ver p. 90).

E acrescenta: "De forma misteriosa mas indiscutível, o enamorado deseja a amada em si mesma, e não tanto pelo prazer que pode proporcionar-lhe. Nenhum enamorado do mundo alguma vez procurou os braços da mulher amada como resultado de um cálculo, mesmo que fosse inconsciente..." (ver p. 91). Deste modo, *eros* transcende a *necessidade*, e o desejo sexual, como todo o desejo é incorporado numa procura total da *pessoa amada*.

A *caridade*, enquanto amor-dádiva, por sua vez, é a expressão mais genuína do amor divino, estando inscrita na essência do próprio Deus Trino:

"O Amor divino é Amor- -Dádiva. O Pai dá ao Filho tudo o que É e Tem. O Filho dá-se a si mesmo de novo ao Pai; e dá-se a si mesmo ao mundo, e pelo mundo ao Pai; e assim (pela mediação do Espírito Santo) devolve o mundo, em si mesmo ao Pai" (ver p. 40).

Embora radicada em Deus, a caridade, através da dádiva do Filho, abre novos horizontes ao amor humano. Escreve C. S. Lewis:

"Caridade significa amor. É chamada *Ágapé* no Novo Testamento para distingui-la de *Eros* (o amor sexual), *Storge* (o amor familiar) e *Philia* (amizade). Portanto, há quatro amores, cada um bom e com o seu lugar específico, mas *Ágapé* é o melhor porque é o dom que Deus

tem para nós e é bom em todas as circunstâncias" (ver p. 118).

Assim, a caridade vale por si mesma, mas também pela capacidade que tem de regenerar e elevar a capacidade amorosa do homem, transformando sentimentos menores e imperfeitos numa autêntica retribuição e prolongamento do Amor-Dádiva de Deus: "Os amores naturais são chamados a serem caridade perfeita [...] Do mesmo modo que Cristo assumiu a humanidade, a caridade não se rebaixa fazendo-se simples amor natural, antes o amor natural se faz instrumento obediente e harmônico do Amor puro" (ver p. 128).

Pela caridade, "Deus capacita o homem para que tenha o Amor-Dádiva em si próprio" (ver p. 130).

Nesta obra, Emilio Garreaud mostra de forma clara e sistemática como C. S. Lewis desenvolve esta tipologia interpretativa da capacidade amorosa do homem e de Deus.

E cumpre esse desígnio quer mostrando como genealógicamente ela se vai desenvolvendo na obra de Lewis, quer cruzando-a com algumas das questões éticas e antropológicas fundamentais: a fidelidade, a sexualidade, a castidade, o sofrimento, a alegria, o pecado, a relação corpo-espírito e mesmo a dimensão escatológica enquanto prolongamento e plenitude de todas estas manifestações e epifanias do amor divino e humano.

A perspectiva de C. S. Lewis não está certamente isenta de críticas, e apresenta-se frequentemente como uma interpretação pessoal dos principais desafios e aporias cristãos. A clareza e sistematicidade do trabalho de Emilio Garreaud é um contributo valioso para uma compreensão ampla quer dos conteúdos, quer do valor da obra do pensador irlandês.